

“Segura o mundo porque agora eu vou dar aula”, diz Jane sobre o seu prazer

O sorriso de Jane Tutikian



FLAVIO DUFRAY/JU

Patrona Professora de Literatura e autora, reflete sobre a formação do leitor e a felicidade de ensinar

Caroline da Silva

Este ano, Jane Tutikian comemora os 30 anos de publicação da sua primeira obra, a coletânea *Batalha Naval*. Doutora em Literatura Comparada e diretora do Instituto de Letras da UFRGS, a professora foi escolhida para ser a patrona da 57.ª Feira do Livro de Porto Alegre, que segue até o feriado de 15 de novembro.

Para esta edição do evento, Jane estava somente preparando o lançamento de uma obra de contos inédita, para além de tantas que já publicou individualmente (como, por exemplo, *A rua dos segretos amores*, 2002) e de outras coletâneas em que participou, como *Contos de abandono*, de 2009.

Outra característica de seu trabalho são as novelas infanto-juvenis, como *A cor do azul*, que lhe rendeu um prêmio Jabuti em 1984. Toda a obra e a trajetória da escritora podem ser acessadas em www.janetutikian.com.

A escolha – Em sua sexta indicação ao patronato, ela é a quarta mulher selecionada para o posto em mais de cinco décadas de história da feira. Antes, foram homenageadas Maria Dinorah (1989), Lya Luft (1996) e Patricia Bins (1998).

Ao ser anunciada, Jane declarou que interpretava o momento como o certo porque completava os 30 anos de escritora. “Quando tu fechas o tempo de aposentadoria, não tem como não dar uma parada. Se tu olhas para frente, o futuro fica menor do que quando olhas para trás. Isso é inevitável, é da vida. O patronato da Feira do Livro é também uma homenagem que o autor recebe e o reconhecimento pelo trabalho, até me ajuda nas minhas respostas ao olhar pra trás: valeu a pena? Claro que Fernando Pessoa diz que tudo vale a pena se a

alma não é pequena, e a minha pretendo que não seja tão pequena”, reflete ela às gargalhadas.

Antes do início da 57.ª edição da Feira, a professora já estava consciente da maratona que a esperava, e contente por isso. De pronto, acatou um conselho quase decretado: “Larga o salto!”. Assim, a escritora pretende caminhar pelo evento em todos os dias de realização.

“Vou à Feira somente na parte da tarde e da noite. Isso me permite que, em todas as manhãs, eu esteja no Instituto de Letras. Faço tudo, dou aula, oriento. Tenho 14 orientandos.” A repórter pergunta se ela tem a intenção de dormir nesse período: “Talvez, se conseguir”.

Muitos comemoraram a escolha de Jane por acreditarem que a área infanto-juvenil seria mais valorizada. “Acho que não existe algo que eu possa fazer nesse sentido. A parte infantil vai continuar no Cais, e as crianças, me parece, se sentem muito à vontade lá. É uma área bonita, e com a restauração do lugar, vai ficar mais bonita ainda.” Ela acredita que ser patrona da Feira acaba chamando a atenção para a literatura juvenil, pois metade do seu trabalho é para adulto, metade é para adolescentes. A professora conclui que hoje a literatura infanto-juvenil vive de baixo de uma espécie de manto de invisibilidade: “A mídia não dá espaço, a menos que seja na Feira do Livro e para os chamados escritores tombados”.

Leitura – Conforme a escritora, são raras as universidades que trabalham com literatura infantil e juvenil, e as escolas, por sua vez, não têm literatura no currículo do ensino fundamental. “Então, ela tem tudo contra. Por um lado, se diz que quem forma o leitor é a escola, e a escola diz que o leitor tem que vir formado de casa.”

Jane gostaria de ter a oportunidade, como patrona, de conversar com bibliotecários e professores da rede pública justamente sobre essa questão da formação do leitor. “Eu acho que, se a escola não forma, e ela tem as razões para isso. Ainda assim, tem o seu papel de formação de um cidadão crítico – não existe cidadão crítico se não ler, não há essa possibilidade. E, se a família não forma (porque não tem dinheiro ou, se tem, como Pedro Bandeira já diz, prefere investir nos pés do que na cabeça, pagam uma fortuna por um tênis que tem uma luzinha, mas não pagam o preço de um livro), está na hora de nós todos, como sociedade, assumirmos isso. Mas, para

que isso ocorra, temos de trabalhar juntos”, analisa a professora.

“Querida que lembrem de mim como uma pessoa extremamente participativa. Gostaria de deixar a imagem de uma patrona que lutou pela leitura e pelo livro, e também uma patrona muito feliz, que vai curtir horrores os 15 dias.” Jane faz uma pausa, visivelmente emocionada. “É, vou curtir muito, podés ter certeza!”, reforça.

Beleza – Além da personalidade acessível da nova patrona, chamam a atenção sua elegância e beleza, que desmentem os números. “Esse negócio da idade é muito engraçado. O Carlos André Moreira, da Zero Hora [jornalista especializado em Literatura, seu orientando de mestrado], disse: ‘O Charles [Kiefer] é muito mais velho do que a senhora, como é ser uma patrona jovem?’”, conta Jane, que respondeu ser muito mais velha do que o autor, patrono de 2008.

A história continua. “Como assim, professora?”, teria perguntado o repórter. “Eu tenho 59 anos, vou fazer 60”, enfatizou ao pupilo incrédulo. “A grande invenção do século não é o computador... É o Wellaton (gargalhada). Não há nada que o Wellaton não resolva!” Muito antes de precisar usar tinturas para o cabelo, a sua aparência já era destaque. Em 1970, foi eleita Miss Porto Alegre e, posteriormente, Primeira Princesa do Rio Grande do Sul. Dizem as boas línguas que nessa época, o mesmo ano de sua entrada na Universidade, muitos corações foram arrebatados no curso de Letras. Quatro anos depois, qualquer esperança iria por terra: a bela jovem casava-se com o advogado Edemar Morel Tutikian.

Professora – Após finalizar a graduação no mesmo ano do matrimônio, concluiu o mestrado em Literatura em 1977. Em 1984, quando venceu o Jabuti, era professora da Escola Estadual Roque Gonzales, da qual assumiria a direção no ano seguinte. Após cinco anos, ingressou na UFRGS como professora substituta. E em 1993 entrou como docente no quadro de servidores da Universidade por concurso. Jane é conhecida por ocupar atividades administrativas e não se desligar da sala de aula. “Sou diretora, faço parte de n comissões, mas nada para mim é melhor do que dar aula, e é uma coisa de que realmente não abro mão. O mundo pode estar caindo na minha cabeça, no momento em que entro na sala de aula, tem uma suspensão.”

Flertes com as letras desde a infância

“Muitas vezes peguei meu pai escrevendo no papel pardo que enrolava o pão. Eu tenho um poema que escrevi para ele aos 8 anos. Sempre tive uma relação muito próxima com a palavra escrita. Acho que ela sempre fez parte do meu mundo”, conta a porto-alegrense Jane Tutikian, filha de José Trindade Fraga, guarda de trânsito, e de Doralice da Silva Fraga, costureira.

A patrona diz que, por causa da infância muito pobre, não tinha exemplares em casa. “Mas minha mãe contava muitas histórias. Quando era *João* e o *Pé de Feijão*, a história nunca acabava porque o irmão mais velho já começava a chorar, pois sabia que o gigante iria matá-lo lá em cima. Também se ouvia o programa *O Mágico de Oz* no rádio.” Ela foi ter o primeiro contato com livro no colégio. “Aí eu era um rato de biblioteca mesmo. Fiz todo o primário no Instituto de Educação [Flores da Cunha] e o Clássico no Julinho”, esclarece.

A Feira a menina também foi conhecer no mesmo período, por fazer parte do Teatro Infantil Permanente do Instituto de Educação (Tipie), coordenado pela professora Olga Reverbel. “O Tipie era um grupo de normalistas e tinha suas atrizes, mas resolveram dar uma chance para quem estava no teatro, e aí ela fez um teste. Muitos participaram, e eu ganhei.” Para a apresentação, era necessário dizer somente uma frase: *Conta-nos, contanos, fada, a magia de encantar*. “Quando chegou a hora, fiquei tão enlouquecida que não saía a tal da frase. Até que enfim saiu, mas fiquei muito frustrada. Aí veio uma professora e me deu o livro *As minas de prata* (de José de Alencar). Desapareceu a frustração e comeceou o mundo do encantamento”, recorda.

Quando estudava no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, já escrevia contos para o Caderno de Sábado do Correio do Povo. “Foi um tempo muito feliz, porque aqueles que já eram veteranos na Literatura acolhiam os jovens escritores. A relação do escritor com o texto escrito é outra, porque o texto já não é mais dele, está na rua. Não posso recolher e tentar mudar”, reflete Jane sobre o que continuou fazendo durante toda a graduação.

Dessa forma, começaram as cobranças pelo livro. Um dia, encontrou Sérgio Faraco em uma sessão de autógrafos, que também lhe perguntou sobre a publicação. Ela respondeu que achava bastante difícil. “Ele me disse para mandar os originais. Reuni todos os contos que tinha publicado na imprensa, no Caderno de Sábado, nos suplementos de Minas Gerais e no Jornal do Brasil, e enviei para o Faraco. Ele levou

para a Civilização Brasileira, cujo editor era o famoso Ênio Silveira. E aí o Ênio decidiu publicar (*Batalha Naval*). Depois foi mais fácil.”

Com o livro seguinte, *A cor do azul*, ganhou o prêmio mais importante da literatura brasileira. “Quando tu tens um desses na prateleira, as portas estão abertas. E é interessante: quando as pessoas falam nas coisas que já fiz, inevitavelmente aparece o Jabuti. Ganhar um Jabuti foi bom, mas também imagina uma escritora nova no segundo livro ganhar um prêmio desse porte, né? É difícil quando se ganha um prêmio jovem, muito no início de carreira. Não é fácil de lidar com ele...”, desabafa Jane.

Felizmente, continuou a publicar e conseguiu constituir a identidade para a sua obra ficcional, que paralelamente tem publicações acadêmicas. “Sou doutora em Literatura Comparada, então isso me dá uma abertura grande de caminhos. Agora, sou especialista em literatura portuguesa e em literaturas africanas. Essa é minha área de pesquisa, atuação, em que dou aulas. Mas não tem como eu viver isolada da literatura brasileira, que tem grandes nomes. Clarice Lispector, por exemplo, é uma paixão”. Outro trabalho de Jane foi a organização da obra de Fernando Pessoa para a editora L&PM: “um trabalho de quatro anos (2006-2009)”, explica a professora.

Jane também não vive distante de outras escolas da literatura. Neste ano, ela participou do evento *Livros que abalam o mundo*, convidada pela Coordenação do Livro e Literatura da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre para falar sobre *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir. “A Simone é um caso sério na minha vida. No final da década de 1960 e início da de 1970, eu estava entrando na Universidade, e o existencialismo estava no auge no Brasil, inclusive Sartre e Simone haviam visitado o país. Então sentávamos no Bar do Antônio (que era o Bar da Filosofia) e discutíamos o existencialismo.” Para a patrona, que também é formada em francês, Simone mudou toda a perspectiva do pensar da mulher sobre si mesma “a partir da frase ‘não se nasce mulher, se faz a mulher’. Até para concluir aquela pergunta interceptada por Freud (afinal, o que querem as mulheres?), pensando o sorriso de Mona Lisa – aquele sorriso que não é nada e ainda assim é tudo”, divaga a escritora sobre o tema do feminino. Nada ou tudo, permanece uma certeza: a marca de Jane nesta Feira também é o sorrir.